

Educomunicação e Emergência Climática: as percepções de estudantes quilombolas sobre o colapso do clima¹

Emanuelle Caroline Candido da Costa²

Thiago Cury Luiz³

Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT

Resumo

A emergência climática afeta de forma desigual diferentes grupos sociais, sendo especialmente grave para populações em situação de vulnerabilidade. Esta pesquisa tem como objetivo compreender as narrativas comunicacionais voltadas às questões ambientais e produzidas na Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição de Arruda, localizada no Quilombo Mata Cavalo. A partir de uma abordagem qualitativa e participativa, foram analisadas narrativas e práticas educomunicativas desenvolvidas em 2023, durante oficinas com a comunidade escolar. As atividades revelaram o fortalecimento do sentimento de pertencimento e da identidade cultural. Sendo assim, a pesquisa considera a educomunicação socioambiental como um dos caminhos possíveis para o fortalecimento do pertencimento frente à crise ambiental.

Palavra-chave: Educomunicação; emergência climática; meio ambiente; Educação Ambiental Popular.

Introdução

A emergência climática, cujo germe se encontra nas ações antrópicas sobre o planeta, é um problema real à humanidade e tende a aprofundar a crise civilizatória na qual estamos inseridos. Neste caso, a ação humana contribui em duas frentes para o recrudescimento da conjuntura: [i] emissão de gases de efeito estufa (GEEs), o que gera retenção da luz solar e acréscimo das temperaturas; e [ii] destruição das áreas naturais, que se comportam como captadoras de GEEs.

Nos últimos anos, o estado de Mato Grosso apresentou variações expressivas nos focos de queimadas detectados por satélites, com destaque para os anos de 2020 e 2024, que registraram, respectivamente, 47.708 e 50.551 focos ativos. Esses dados são fornecidos pelo Programa Queimadas do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), responsável pelo monitoramento oficial de queimadas no Brasil por meio de sensores de detecção de calor.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (Comunicação e Educação), evento integrante da programação do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Faesa – Vitória – ES realizado em 11 a 16 de agosto de 2025 (etapa remota).

² Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Jornalismo da FCA-UFMT, email: emanuellec Carolinec@gmail.com.

³ Professor do Curso de Jornalismo da FCA-UFMT, email: thiago.luiz@ufmt.br.

De acordo com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), o Pantanal também enfrentou seus piores índices de queimadas nesses mesmos anos. Em 2024, foram contabilizados 14.498 focos ativos, número superado apenas por 2020, quando o bioma registrou 22.116 focos.

Esse cenário se agravou diante da crise hídrica vivida pelo Pantanal. Embora o Brasil detenha cerca de 12% da água doce superficial do planeta, o bioma concentra apenas 2% desse total, o equivalente a cerca de 366 mil hectares. Segundo dados do MapBiomas, o Pantanal foi, em 2024, o bioma brasileiro que mais perdeu superfície de água em relação à sua média histórica, com uma redução de 61%. Essa perda foi contínua: ao longo dos 12 meses do ano, a superfície hídrica do Pantanal permaneceu abaixo da média histórica.

A emergência climática é uma realidade cujos impactos recaem de maneira desigual sobre diferentes populações, especialmente aquelas em situação de vulnerabilidade social. No Brasil, comunidades tradicionais, como os povos quilombolas, enfrentam desafios históricos relacionados ao acesso à terra, à educação de qualidade e à justiça ambiental.

Assim, para o enfrentamento às injustiças climáticas, a Educação Ambiental se coloca em dimensões epistêmicas, praxiológicas e axiomáticas (Passos; Sato, 2013) para atuação em escolas e comunidades tradicionais, seja no âmbito da educação formal ou popular, sob a inspiração de Paulo Freire (2013; 2014; 2018a; 2018b).

Em convergência, a comunicação em ambientes escolares e comunitários se converte em prática possível em bases da educomunicação socioambiental, cujas influências maiores, neste trabalho, são Soares (2014), Martín-Barbero (2000; 2014) e Gómez (2014). Em comunhão com as pessoas que não são objetos, mas, sim, participantes da pesquisa, as narrativas genuínas manifestam as percepções, as providências e as resistências ante a emergência climática.

Segundo a pesquisa Tic Educação (2020), enquanto 98% das escolas urbanas possuem acesso à internet, na área rural este dado cai para 52%. Em 2019, o índice era de 40%. Quanto ao uso de internet sem fio e o seu acesso, 94% das escolas possuem conexão, mas apenas 45% liberam para uso dos estudantes.

Nas escolas municipais, 43% delas disponibilizam internet aos estudantes; 50% é o índice nas instituições estaduais; nas particulares, o dado atinge 70%, evidenciando a disparidade de acesso existente no Brasil. Quanto à disponibilização de computadores

para uso no ambiente escolar, 37% das instituições rurais não possuem nenhum dispositivo.

Neste contexto, a comunicação pode assumir um papel transformador, sobretudo quando articulada a práticas educativas que valorizem a escuta, o diálogo e o protagonismo das populações locais. A educomunicação socioambiental, nesse sentido, desponta como uma abordagem para articular saberes, práticas e pertencimentos territoriais.

A presente pesquisa, que conta com fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso (Fapemat), busca compreender as formas pelas quais adolescentes quilombolas constroem narrativas sobre meio ambiente e emergência climática, a partir de oficinas educacionais realizadas na Escola Estadual Quilombola Tereza Conceição de Arruda, no território do Quilombo Mata Cavalo (MT). Ao abordar os quatro elementos da natureza (terra, água, fogo e ar) como ponto de partida, a pesquisa propõe um diálogo entre os saberes tradicionais, a fenomenologia da natureza e as práticas comunicacionais que emergem da experiência vivida no território.

Para tanto, as perguntas que orientam esta pesquisa são: [i] de que maneira é possível comunicar a emergência climática vivenciada em um território como Mata Cavalo? [ii] Em que medida as narrativas genuínas sobre dada realidade podem servir como movimento de resistência diante desse contexto de crise?

Uma de nossas hipóteses é que a educomunicação socioambiental pode desempenhar papel central na manifestação de problemas e soluções encontradas para enfrentar o cenário climático recrudescido. Outra hipótese é que, ao darem notoriedade a realidades marginalizadas, populações em situação de vulnerabilidade (urbanas ou rurais; pobres ou quilombolas) se inserem no enfrentamento à destruição do meio ambiente.

Este artigo está organizado da seguinte forma: na sequência, apresentaremos as bases teóricas do estudo. Depois, os aspectos metodológicos da investigação. Por fim, trataremos os resultados e as considerações finais.

Fundamentação Teórica

A pedagogia freireana é um dos principais referenciais da pesquisa, especialmente no que se refere à valorização da escuta, da autonomia e da consciência crítica. Para Freire (2014), a educação deve partir da realidade concreta dos sujeitos e

buscar a transformação dessa realidade a partir da ação-reflexão-ação, ou seja, de um processo contínuo e coletivo de leitura e reescrita do mundo.

Nesse mesmo horizonte, a educomunicação, nesse contexto, é compreendida como um campo de intervenção e estudo que busca integrar práticas comunicativas aos processos educativos, promovendo a autonomia, o diálogo e a participação crítica dos sujeitos no ambiente escolar e comunitário. Segundo Ismar de Oliveira Soares (2014), trata-se da —ação planejada para criar e desenvolver ecossistemas comunicativos abertos ao diálogo e à expressão simbólica, com vistas a potencializar a aprendizagem e a formação cidadã.

Essa abordagem se alinha à pedagogia libertadora proposta por Paulo Freire (2013; 2014), que valoriza a escuta sensível, o respeito aos saberes populares e o reconhecimento do educando como sujeito histórico. Para Freire, ensinar exige diálogo, curiosidade e compromisso com a transformação da realidade — princípios que também orientam a educomunicação ao propor uma prática educativa em que educador e educando se reconhecem como cocriadores do conhecimento.

Desse modo, a articulação entre a pedagogia freireana e a educomunicação permite a construção de espaços educativos mais dialógicos e democráticos, nos quais as vozes das comunidades são reconhecidas e valorizadas.

A educomunicação socioambiental (Soares, 2014) se apresenta como possibilidade de mediação entre saberes tradicionais e científicos, fortalecendo o protagonismo de comunidades vulnerabilizadas frente aos desafios da emergência climática.

Ao integrar-se com a Educação Ambiental, essa perspectiva amplia seu campo de atuação, pois ambas compartilham o compromisso com a transformação social e com o reconhecimento dos sujeitos como agentes ativos na defesa de seus territórios.

A Educação Ambiental (EA) desponta como alternativa para compreender o tempo corrente, as intersecções entre economia e meio ambiente, a interferência humana nos prejuízos ambientais e as consequências desiguais que afetam os agrupamentos sociais mais vulnerabilizados. No caso específico das crises climáticas, a EA é um dentre tantos ramos da ciência voltada às questões do meio ambiente. Ela não atua só sobre as variáveis físicas, mas, ancorada na esfera humana, busca identificar as causas dos infortúnios que envolvem natureza e pessoas e apresenta as táticas de atuação diante dos desafios.

A educação ambiental nasce como um processo educativo que conduz a um saber ambiental materializado nos valores éticos e nas regras políticas de convívio social e de mercado, que implica a questão distributiva entre benefícios e prejuízos da apropriação e do uso da natureza. Ela deve, portanto, ser direcionada para a cidadania ativa considerando seu sentido de pertencimento e co-responsabilidade que, por meio da ação coletiva e organizada, busca a compreensão e a superação das causas estruturais e conjunturais dos problemas ambientais. (SORRENTINO et al, 2005, p. 4-5)

Nesse sentido, o ambientalismo surge na esteira dos movimentos libertários da década de 60 do século XX, a reboque da contracultura e com uma concepção mais ligada à necessidade de conjugar humanidade e natureza, já compreendendo que não é razoável dissociar uma de outra.

Por consequência, a Educação Ambiental se constitui em um campo multidisciplinar que transgride a conscientização ambiental e se coloca como articuladora de atividades extensionistas em escolas e comunidades tradicionais, além de debater políticas públicas necessárias para que a natureza não sucumba aos desvarios da economia.

Ainda, a Educação Ambiental está habilitada a se organizar dentro das escolas e comunidades, ministrando palestras, cursos, oficinas e intervenções que exponham problemas pontuais das comunidades por meio das vozes existentes em cada uma delas, além de reconhecer todo o repertório histórico-cultural que sustenta povos tradicionais. Essa modalidade de ação, mais voltada às crianças, adolescentes e jovens dos ensinos fundamental e médio, majoritariamente de escolas públicas, mas que não exclui os adultos, também depende da chancela do Estado, que pode ou não implementar políticas públicas dessa natureza.

Com isso, práticas educacionais e ambientais podem se materializar em ações como oficinas de audiovisual, produção de podcasts comunitários, rádios escolares e projetos de mapeamento participativo, que envolvem crianças, jovens e adultos em processos coletivos de aprendizagem crítica sobre o meio ambiente e os territórios que habitam.

Assim, é possível identificar convergências entre o ambientalismo e a concepção de educação popular. Na lógica pedagógica freireana, as hierarquias entre docentes e estudantes são implodidas e cada participante do processo tem contribuições a oferecer para a construção do conhecimento.

A articulação entre educação popular, educomunicação e educação ambiental configura um campo fértil para o fortalecimento do pertencimento, da autonomia e da ação transformadora frente às desigualdades socioambientais.

Metodologia

A metodologia adotada é de natureza qualitativa e participativa, com base na pedagogia freireana. As oficinas educacionais foram realizadas em dois encontros, nos dias 13 e 26 de setembro de 2023, com cerca de 20 estudantes de 15 a 19 anos. As atividades incluíram rodas de conversa, debates sobre justiça climática e racismo ambiental, além da criação, produção e edição de vídeos curtos.

A metodologia, baseada em Paulo Freire, busca romper com o modelo tradicional de ensino bancário, no qual o educador deposita conteúdos prontos nos educandos. Em vez disso, a pesquisa aposta em um processo dialógico, no qual —ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção (Freire, 2011, p.12). As oficinas foram planejadas como espaços de escuta ativa e construção coletiva, valorizando os saberes locais e as experiências dos estudantes.

A coleta de dados ocorreu por meio de observação participante, registros escritos, atividades envolvendo *post-its* (notas adesivas), além de vídeos produzidos pelos próprios alunos. A sistematização e o tratamento dos dados vêm sendo realizados desde o início deste ano, com organização dos conteúdos por meio de fichamentos, pastas digitais e arquivos compartilhados no Google Drive.

Principais Resultados

Nas oficinas realizadas, os estudantes demonstraram engajamento e familiaridade com ferramentas audiovisuais. O primeiro encontro, realizado em 13 de setembro, abordou a temática do meio ambiente e teve início com a exibição de manchetes jornalísticas sobre a crise climática. A proposta era provocar a reflexão e ouvir as opiniões dos estudantes sobre o assunto. No entanto, percebemos certa dificuldade inicial: muitos consideravam a emergência climática como algo distante da realidade do quilombo. Para aproximar o tema do cotidiano, foram exibidos vídeos com depoimentos de vítimas de eventos climáticos extremos, o que ajudou a sensibilizá-los.

Na sequência, foram apresentados e discutidos os conceitos de emergência e justiça climática, racismo ambiental e a interseção entre comunicação e questões raciais. A ideia era criar uma base conceitual para que, nas oficinas seguintes, os estudantes pudessem relacionar esses temas à sua vivência no território.

Como atividade prática, os adolescentes refletiram sobre os quatro elementos da natureza: água, ar, terra e fogo, a partir dos eixos História, Natureza e Memória. Em *post-its* (notas adesivas), registraram suas percepções sobre cada elemento em três momentos: infância, presente e expectativas para o futuro. Em seguida, sob o eixo da Cultura, identificaram e caracterizaram elementos culturais do quilombo, conectando natureza, tempo e identidade local. Os resultados desta dinâmica, ainda em fase de processamento e sistematização, serão analisados em trabalhos futuros.

No segundo encontro, em 26 de setembro, as oficinas se voltaram à produção audiovisual como forma de narrar a realidade a partir das percepções dos estudantes. A primeira atividade propôs que os participantes identificassem e contassem a história de pessoas importantes para a escola e a comunidade quilombola. Em duplas ou trios, filmaram a si mesmos respondendo à pergunta e entrevistaram alguém da comunidade, majoritariamente professoras e funcionárias da escola. Um grupo, por exemplo, entrevistou a secretária escolar e destacou a figura de Tereza Conceição Arruda — liderança comunitária cuja luta foi central para a construção da escola — como personagem marcante na história local.

Na segunda atividade, a proposta era explorar a relação dos estudantes com o meio ambiente, abordando o uso da horta escolar, a importância do rio para o cotidiano, as dificuldades de mobilidade no território e os impactos do uso do fogo. Assim como na atividade anterior, os estudantes se filmaram e também entrevistaram pessoas da comunidade.

A escolha dos cenários e a elaboração das perguntas revelaram maior envolvimento com a proposta à medida que a oficina se desenvolvia. Um grupo, por exemplo, optou por gravar sob uma árvore próxima à horta, enquanto outro gravou ao lado de um mural com a frase —eu amo Mata Cavalol. As entrevistas abordaram desde o uso do rio para pesca e banho até a percepção de que o fogo, apesar de ser útil na limpeza de terrenos, também contribui para a degradação ambiental.

Houve também a participação de um professor responsável pela horta, que explicou aos estudantes sobre a origem das mudas e as espécies cultivadas, como rabanete, couve, alface e rúcula — ainda que, no momento da oficina, a horta estivesse

em período de replantio. Ao final, foi possível observar uma apropriação mais crítica dos elementos do território, com os estudantes reconhecendo saberes que já possuíam, mas que ganharam novo sentido diante das atividades propostas.

A última proposta da oficina foi a gravação de um vídeo sobre a Casa da Cultura Quilombola, espaço-memória construído ao lado da escola, onde estão expostos objetos e elementos ligados à história e à cultura do território. A atividade consistia em gravar imagens do local com uma narração explicativa. Os grupos demonstraram bastante envolvimento, preocupando-se com o enquadramento das imagens, o uso de recursos como narração em off e a edição dos vídeos. Um dos vídeos produziu uma espécie de tour, com imagens externas do caminho até a Casa da Cultura, seguidas de explicações sobre os objetos ali expostos e sua importância para a memória coletiva. Ao final, os vídeos foram compartilhados em um grupo de WhatsApp criado especificamente para a oficina.

Esses registros evidenciam o potencial da educomunicação socioambiental como ferramenta de escuta e expressão, permitindo aos estudantes não apenas reconhecerem elementos de sua realidade, mas também se apropriarem de narrativas e linguagens para expressá-la. O vínculo entre natureza, cultura e território aparece não como algo distante ou abstrato, mas como parte de suas vivências cotidianas, ressignificadas pela mediação educacional.

Considerações finais

As oficinas realizadas no âmbito desta pesquisa proporcionaram um espaço de escuta, expressão e construção coletiva do saber, a partir das quais os estudantes puderam se reconhecer como sujeitos produtores de conhecimento e de sentido. Esse reconhecimento é fundamental para o fortalecimento da autonomia e da identidade dos participantes, especialmente em contextos marcados por desigualdades históricas, como é o caso da comunidade quilombola. A vivência das oficinas, ao promover a valorização da escuta ativa e do diálogo, alinha-se a uma perspectiva freiriana de educação, que entende o processo educativo como uma prática de liberdade, crítica e transformadora.

A pesquisa seguirá agora para uma nova etapa, voltada à análise aprofundada dos dados coletados durante os encontros, incluindo os registros das produções dos estudantes, os post-its com reflexões individuais e os materiais comunicacionais desenvolvidos no processo. Essa análise não se limitará a uma leitura técnica dos dados, mas buscará produzir reflexões teóricas e metodológicas que possam contribuir com

práticas transformadoras em contextos educacionais e comunitários semelhantes, especialmente aqueles situados em territórios tradicionais.

A principal ferramenta metodológica será a análise de conteúdo, que permitirá identificar temas recorrentes, padrões de pensamento e insights relevantes nas falas e escritas dos participantes. Nosso objetivo é compreender como os estudantes se apropriaram dos temas abordados com destaque para os quatro elementos da natureza (água, terra, fogo e ar) e para as questões socioambientais e como esses saberes dialogam com suas vivências e repertórios culturais. Ao interpretar essas manifestações simbólicas, será possível compreender também como os participantes articulam sentidos sobre seu lugar no mundo e os impactos das mudanças climáticas em sua realidade.

Essas narrativas, muitas vezes sutis, carregam significados profundos sobre como o território, o ambiente e a ancestralidade se entrelaçam no cotidiano dos sujeitos pesquisados. Buscaremos, assim, extrair o máximo de informações relevantes, respeitando a singularidade das expressões e o contexto sociocultural em que estão inseridas.

Como nos lembra Paulo Freire (2015, p. 68), —ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo. É com base nessa perspectiva dialógica e crítica da educação que este trabalho se orienta. Mais do que interpretar dados, o que se pretende é contribuir para a sistematização de práticas educacionais que fortaleçam a consciência ambiental, a participação social e a justiça climática — especialmente em comunidades que historicamente enfrentam situações de invisibilidade e vulnerabilidade.

Referências

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 44. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018a.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Tradução: Rosiska Darcy de Oliveira. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 57. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 58. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GÓMEZ, Guillermo O. **Educomunicação: recepção midiática, aprendizagens e cidadania**. Tradução: Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. Tradução: Maria Immacolata Vassalo de Lopes e Dafne Melo. São Paulo: Contexto, 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios culturais da comunicação à educação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 18, p. 51-61, mai.-ago. 2000. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/comueduc/article/view/36920/39642>. Acesso em: 04 abr. 2025.

PASSOS, Luiz Augusto; SATO, Michèle. Notas desafinadas do poder e do saber: qual a rima necessária à educação ambiental? **Contrapontos**, v. 3, n. 1, jan./abr. 2003. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/700/553>. Acesso em: 04 abr. 2025.

Pantanal é o bioma que mais perdeu superfície de água em relação à média histórica: 61%. 2025. Disponível em: <https://brasil.mapbiomas.org/2025/03/21/pantanal-e-o-bioma-quemais-perdeu-superficie-de-agua-em-relacao-a-media-historica-61/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

Queimadas - Estatísticas por Estado. [S. l.], 2025. Disponível em: https://terrabilis.dpi.inpe.br/queimadas/situacao-atual/estatisticas/estatisticas_estados/. Acesso em: 20 jun. 2025.

SOARES, Ismar de O. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2014.

TIC EDUCAÇÃO. **Edição Covid-19 – metodologia adaptada**. 2020. Disponível em: <https://cetic.br/pt/pesquisa/educacao/analises/>. Acesso em: 04 abr. 2025.